

As relações entre fé e razão (I)

Fonte: <http://contraimpugnantes.blogspot.com/2009/11/as-relacoes-entre-fe-e-razao-i.html>

Sidney Silveira

Um amigo apresentou-me noutro dia o vídeo de uma aula de filosofia que muito bem poderia integrar a coleção *Primeiros e Últimos Passos* (ou *Definitivos Tropeços*), na qual o professor, referindo-se a Santo Tomás, minimizava a problemática das relações entre fé e razão como se fora coisa de somenos importância. Na verdade, trata-se de um dos mais espinhosos problemas filosóficos e teológicos, que somente alcançou uma solução satisfatória — e definitiva — com Tomás de Aquino, como veremos.

Algumas posições equívocas foram esboçadas, antes e depois do Aquinate. Destaquemos as principais:

a) Oposição irreductível entre fé e razão. Aqui se incluem duas correntes extremadas, ambas condenadas pela Igreja: **1-** a do *fideísmo*, em que a razão é vista como um perigo para a fé, na medida em que os mistérios são de todo inescrutáveis;

2-

e a do *racionalismo*

, que defende um duplo horizonte de verdades (as de fé e as de razão) que nada têm de comum entre si.

b) Harmonia entre fé e razão. Aqui, também vemos duas posições: **1-** a que se baseia na *distinção e complementaridade entre ambas*

,
2-

e a que se baseia na *separação entre as duas*

. Para defensores dessa última idéia, haveria uma espécie de harmonia *acidental*

(e não essencial) entre a razão e a fé. Esta posição problemática acabou desterrando a fé de seu

habitat

, levando-a ao âmbito do mero sentimentalismo ou, então, transformando-a numa pura e simples moral. Ou ainda — em uma terceira vertente — chegou-se a defender a possibilidade de provar os artigos da fé por meios racionais.

Como diz M. G. Manser, O.P, no já mencionado livro *A Essência do Tomismo*, obra magistral que nos orienta no presente texto, a má-interpretação da fórmula

Credo ut intelligam

de Santo Anselmo — que, em verdade, já havia sido formulada por São Pascácio Radberto —

levou a que muitos considerassem se tratar de um “avanço” da fé em direção ao conhecimento. Em suma, essa visão levou ao perigo de imaginar que o católico deveria passar da fé ao

saber demonstrativo sobre a fé

. Isto gerou uma confusão tríplice.

1- Com relação à origem da fé;

2- Com relação ao conceito de fé;

3- Com relação ao domínio da fé.

Vejamo-las, tendo como base o precioso trabalho de Manser:

1- Com relação à origem da fé

Em primeiro lugar, deve-se frisar que a razão e a Revelação partem de distintas fontes de verdade. Quem submete uma à outra ou amplia o campo de uma em detrimento do da outra *não faz a distinção correta*

. Estes casos extremos podem ser ilustrados, na Primeira Escolástica, pelo monge inglês beneditino Alcuíno (735-804), que gostaria de provar até mesmo as questões filosóficas por meio da Sagrada Escritura; e, em seus antípodas, por Rábano Mauro (776-856), que pretendia reduzir toda a Sagrada Escritura às sete artes liberais.

Escoto Erígena (810-877), por sua vez, leva o *Credo ut intelligam* a uma interpretação rigorosíssima — confusamente influenciada pelo racionalismo. Para ele, todo e qualquer conhecimento da verdade pressupõe a fé. Lê-se num trecho do seu

De Divisione Naturæ

: “Ex ea enim omnem veritatis inquisitionem initium sumere necessarium est”. No século seguinte, seguem esta posição Roger Bacon e Raimundo Lúlio.

Hugo de São Vítor (1096-1141), outro autor importante, não possui uma só definição de filosofia (dentre as muitas que nos legou) que a distinguisse corretamente da fé. E a mesma confusão é compartilhada por John de Salisbury (1120-1180), que mistura os âmbitos da fé e da filosofia ao dizer que a origem da filosofia é... a Graça!

2- Com relação ao conceito de fé

Quando a inteligência conhece uma coisa, pode-se dizer que tem dela uma espécie de visão (*visum*) intelectual, pois a inteligência assente ao objeto do saber *porque* tem diante de si uma verdade evidente. O objeto da fé, por sua vez, não parte de nenhuma evidência (e sim de uma *non visum*),

pois se apóia na autoridade divina, na Revelação. Para os adeptos do

Credo ut intelligam

que pretendiam transformar a fé [não me refiro aqui à teologia!] em ciência, era uma pedra de tropeço a passagem de São Paulo (em Hb. XI, 1) na qual o Apóstolo diz que a fé é uma “certeza daquilo que não se vê”. Em suma, se se considera como objeto da fé o que é por si evidente ou demonstrável, a coisa se complica enormemente. Nem mesmo o prudente Pedro Lombardo (1100-1160) passa por este problema sem alguma confusão, pois admite uma espécie de conhecimento interno da fé (em III,

Sent

., 24, 3).

O já mencionado Hugo de São Vítor simplesmente considera a frase paulina “incompleta” (em *De Sacram. Christ. Fidei*, I) e distingue três classes de crentes: **a)** as pessoas simplórias que crêem piedosamente, mas sem conhecimento (

sola pietate credere eligunt

);

b)

outros que fundamentam racionalmente o conteúdo daquilo em que crêem (

alii ratione approbant quod fide credunt

);

c)

e os que têm a certeza da fé a partir da pureza da inteligência (

puritas intelligentiæ apprehendit certitudinem

)*. Veja-se que estamos aí perigosamente próximos da

gnose

, ou seja, de uma espécie de salvação pelo conhecimento.

Ricardo de São Vítor (? – 1173), discípulo de Hugo, chega a lamentar — em seu *De Trinitate* — que, em favor da divina Trindade, se aduzam apenas provas de autoridade, e não de razão.

O erro não escapou nem mesmo a autores proclamados santos, como o próprio Anselmo de Cantuária, que no prólogo do seu *Monologium* afirma a necessidade de *provar* as verdades da fé. Tal intento não se limita à Trindade, mas a tudo o que cremos de Cristo (

omnia quæ de Christo credimus

), e sem apelar à Sagrada Escritura (

sine Scripturæ auctoritate

), mas com razões necessárias (

necessariis rationibus ex necessitate

). Com isto, Anselmo comete um erro grave: simplesmente exclui o verdadeiro objeto formal da fé, que é a autoridade divina, e o identifica com o saber humano. E o mesmo faz Abelardo** (1079-1142), que compôs o tratado

De Unitate et Trinitate

por insistência de discípulos que pediam razões filosóficas para sustentar as doutrinas da fé.

Em suma, a tentativa de comprovar os artigos da fé com razões filosóficas permeia a obra de quase todos os pensadores de escol, durante um longo período histórico. Alguns, para aduzir um argumento corroborante às suas teses, chegaram a afirmar que os pagãos tinham conhecido racionalmente a Trindade — tese a que nos dedicaremos no próximo texto sobre o tema.

Veremos como *todos* esses erros ou heresias, sem nenhuma exceção, foram refutados por Santo Tomás — cuja doutrina teológica foi depois consagrada pelo Magistério da Igreja e acolhida por inúmeros Papas em série. A começar pelo seguinte princípio do Aquinate. “As verdades da fé cristã não podem ser contrariadas pelas verdades [adquiridas] pela razão” (

quod veritati fidei christianæ non contrariatur veritas rationis

)***. Caminhemos aos poucos, que o tema assim o exige.

* Cfme. *De Sacram. Christ. Fidei*, c. 4.

** Se Deus quiser, ainda antes do Natal deste ano, **a Sétimo Selo apresentará uma obra magna de São Bernardo que eu recomendo a todos**

:

As Heresias de Pedro Abelardo

, em edição bilíngüe. Veremos, na Apresentação ao livro, a verdadeira face teológica, filosófica e moral de Abelardo — autor tão incensado por historiadores e filósofos que hoje parasitam a Igreja, seja em universidades católicas, seja em grupos de intelectuais ligados a ordens religiosas ou até mesmo em Seminários...

*** *Suma Contra os Gentios*, I, 9.

Ir para a parte II: http://www.institutosapientia.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=1353:ha-conflito-entre-fe-e-razao-ii&catid=31:artigos-filosoficos&Itemid=111

Ir para a parte III:

http://www.institutosapientia.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=1354:c&catid=31:artigos-filosoficos&Itemid=111

Ir para a parte IV:

http://www.institutosapientia.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=1355:ha-conflito-entre-fe-e-razao-iv&catid=31:artigos-filosoficos&Itemid=111